

EXPRESSÕES CULTURAIS



O PAPEL DO CINEMA EM ÁFRICA EM CONTEXTOS DE PÓS-INDEPENDÊNCIAS

Por Wagner F. Guimarães

Wagner Ferreira Guimarães

Mestrando em História, PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

Contato: guimaraeswagner97@gmail.com



Quem é Wagner Ferreira Guimarães?

Wagner Ferreira Guimarães é professor licenciado e bacharel em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ) na linha de História Política & Cultura e pós-graduando em Política & Sociedade pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ).

Como citar

GUIMARÃES, W.F. O papel do cinema em África em contextos de pós-independências. **Boletim GeoÁfrica**, v. 4, n. 13, p. 198-203, jul.-dez. 2025.



O papel do cinema em África em contextos de pós-independências

Por Wagner F. Guimarães

Recentemente estive numa palestra do historiador Michel Cahen, na qual foi lançado um livro¹ a respeito da colonialidade, onde o papel das heranças do período colonial dentro de um contexto cronológico pós-colonial, ganharam papel de destaque em sua fala, por se apresentarem como um mecanismo de manutenção. A fala de Cahen, me fez recordar da resposta inicial da obra *Para Quando África?* (2009), na qual René Holenstein² responde a Joseph Ki-Zerbo³ a respeito do contexto conflituoso em que estava inserido o continente africano, exaltando o impacto das influências externas como um obstáculo para a estruturação dos Estados Africanos.

Nessa resposta em específico, Holenstein menciona dinâmicas de influência econômica em escala macro como o banco mundial e empresas multinacionais. Mas a colonialidade se faz presente na manutenção dos hábitos coloniais, na construção de narrativas e na recepção de tais discursos – para além das dinâmicas macroeconômicas –, ganhando papel de destaque para compreendermos tal manutenção colonial ou influências neocoloniais. E é justamente nesse aspecto que o cinema se apresenta como importante ferramenta política.

Se a relação cinema-história é recente, tendo nos anos da década de 1970 uma maior valorização do cinema como fonte histórica através de Marc Ferro, muito por ser caráter acessível em comparação a outros modelos artísticos – como quadros e livros –, o cinema também ganhou importante relevância política em diferentes contextos no século XX (Furhammar; Isaksson, 1976), muito por algo que Theodor Adorno e Max Horkheimer vão expor como um “Condicionamento psicológico da indústria cultural” (2002). E é aqui que o

¹ Ler Michel Cahen na obra “Colonialidade: Argumento para a precisão de um conceito”. 1. ed. – São Paulo: Alameda; 2025;

² René Holenstein historiador nascido na atual Burquina-Faso e integrante da primeira geração de historiadores africanos a “redescobrir a história africana ao reinterpretar a história mundial a partir da perspectiva africana”, como descreve Joseph Ki-Zerbo na obra *Para Quando África?* (KI-ZERBO, 2009, p. 12 – 13)

³ Joseph Ki-Zerbo é historiador, escritor e ativista político de Burquina-Faso.



cinema africano e os processos de descolonização no pós-independência dialogam sob as lentes da cultura.

O cinema africano obteve papel de destaque nas lutas por independência nos anos 1960 e no pós-colonial africano, principalmente em países que foram colônias britânicas ou francesas – sendo produzidos em maior quantidade em ex-colônias francesas, como o Senegal. O cinema pode ser visto como uma ferramenta de descolonização das mentes africanas, algo que se faz presente na abordagem característica das obras de língua inglesa que atribuem maior ênfase aos aspectos Econômicos. Enquanto as obras francófonas dão especial destaque ao cultural, tal distinção se atribui a especificidades dos moldes coloniais aplicados pela administração colonial britânica e francesa em suas respectivas colônias, o que condicionou também os principais setores de influência colonial, a serem combatidos na estruturação dessas novas nações que se formaram em África.

Cinema africano é um cinema feito por africanos, sendo assim, obras como *O cinema africano e a ideologia: tendências e evolução* (2000) do cineasta tunisiano Ferid Boughedir podem auxiliar na compreensão de eixos chaves das características do cinema africano, por exemplo, seu caráter coletivo, que se apresenta como uma singularidade em relação a gêneros de filmes clássicos estadunidenses como *Western*, típico filme de “faroeste” que teve sua era de ouro durante a Guerra Fria (Boughedir, 2007, p. 49) onde a valorização ação individualista do protagonista apresenta a coletividade como algo negativo, enquanto no cinema africano, em filmes com caráter mais artesanal e sem uma ênfase estritamente comercial e focada em gêneros, no chamado cinema de autor como relata o cineasta tunisiano, apresenta o protagonista como um representante da coletividade e numa perspectiva histórica, se apresenta como um potencial fonte analítica.

Atribuindo maior ênfase no que tange à pauta do colonialismo e dos seus processos de descolonização da mente, o cinema apresenta vantagem em relação à literatura – importante elemento cultural de embate anticolonial –, primeiro por sua valorização da oralidade, que possibilita uma ênfase no uso de idiomas pré-coloniais e também por contorna as barreiras da acessibilidade presentes no analfabetismo, através de uma exposição narrativa mais lúdica e capaz de mediar um diálogo entre o discurso fílmico apresentado e experiências cotidianas que podem fazer com que discurso seja inteligível em variados setores da sociedade. Contudo, como



qualquer produto, sua produção se ancora na busca pelo consumo de algum público, levando assim, a necessidade de descolonizar também os investimentos nas produções cinematográficas africanas.

Dentre as tendências de temas recorrentemente abordados por filmes africanos, alguns são especialmente válidos para que compreendamos a importância do cinema no impacto travado pelas novas nações africanas e as heranças coloniais, pois, as lutas pela independência e contra o colonialismo obtém papel de destaque, independente do gênero da obra. Aspectos como o conflito entre o novo e o antigo, refletem o impasse dos novos Estados africanos, frente a um mundo que caminhava para uma relação internacional cada vez mais complexa, neste ponto, o contexto angolano me chama especial atenção.

Quando se pensa em cinema africano, uma ênfase maior é dada a países que foram ex-colônias britânicas e principalmente francesas, contudo, o caso angolano por ser meu atual foco de estudo, me possibilitou perceber a importância atribuída ao cinema, em meio a busca por ser fazer inteligível frente à população no pós-independência. Ao observar alguns livretos do Arquivo Lúcio Lara⁴, localizei um panfleto que descreve bem tanto o embate das novas nações africanas contra influências externas e heranças coloniais, quanto a busca por se fazer inteligível frente a população angolana.

O panfleto de teor estatal intitulado “Combater a corrupção para melhor resistir: Nas hostes dos assassinos do povo UPA/FNLA/UNITA a corrupção é constante. Não permitiremos que ela entre o seio” produzido pelo Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA no ano de 1975 e que tem apenas 12 páginas, mobilizava uma narrativa que busca ser acessível e apresentar uma Angola que se encontra enferma, por um mal herdado do período colonial: a corrupção. E enquanto construía sua narrativa que retratava a corrupção como ferramenta do neocolonialismo e os inimigos políticos do partido como agentes fomentadores da corrupção dos hábitos, o cinema aparece, de forma indireta, através de ilustrações nas bordas da página.

A imagem que poderia facilmente ser interpretada como mera ilustração, leva em conta algo que Robert Rosenstone traz em sua obra intitulada *Interagindo com o discurso* (2010), onde é colocada em questão a importância do conhecimento prévio para a mobilização

⁴ Arquivo Lúcio Lara disponível em: www.marxist.org;



de um filme com teor histórico. Tal percepção se faz presente nesse recorte, não pelas menções a indústria cultural estadunidense através de símbolos como Pato Donald e Mickey, mas principalmente pelas menções a filmes de kung-fu e faroeste, temas fortemente mobilizados no cinema angolano, durante a movimentação portuguesa de utilizar o cinema para fins pedagógicos frente à população angolana, como pode ser

observado no artigo de Marilda Flores e Washington Nascimento (Flores; Nascimento, 2017) e na atenção atribuída pelo governo MPLA a narrativa fílmica nos anos posteriores à independência, tanto no que tange à quantidade de produções, quanto à sua regulação com a criação do Instituto Angolano de Cinema (IAC) em 1977.

Se temos em autores como Achille Mbembe (2014) posicionamentos que descrevem que “A descolonização de África não foi meramente uma questão africana. Tanto antes, quanto durante a Guerra Fria, foi uma questão internacional” (Mbembe, 2014, p. 24), podemos observar que no contexto pós-independência em África, o cinema africano, sua mobilização de temas e até mesmo seu financiamento, passam por importante batalha contra as influências externas e na busca pela descolonização das mentes, onde o tornar-se inteligível frente à população é fundamental para qualquer que seja o projeto de Estado das nações africanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria Cultural – Iluminismo como mistificação das massas. In: **Indústria Cultural e sociedade**. São Paulo: Terra e Paz. 2002, pp. 8 – 50
- BOUGHEDIR, F. “O cinema africano e a ideologia: tendências e evolução”. In: MEEIRO, A. (Org.). **Cinema no Mundo: indústria, política e mercado**, África vol I. São Paulo: Escrituras editora. 2007, pp.35-56
- CAHEN, M. **Colonialidade**: Argumentos para a precisão de um conceito. 1. ed. – São Paulo: Alameda; 2025
- FLORES, M.; NASCIMENTO, W. “Luanda e suas segregações: Uma análise a partir das salas de cinema (1940 – 1960)”. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.17. p. 80-89, jul/dez 2017



ISAKSSON, F.; FURHAMMAR, L. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Terra e Paz, 1976

KI-ZERBO, J. **Para quando África?**: entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2009

MBEMBE, A. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Mulemba; Pedago, 2014

ROSENSTONE, R. A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Terra e Paz, 2010